

Empresário adverte para o sério risco que envolve o País

**Da sucursal de
BRASÍLIA**

"Se não forem tomadas providências urgentes, será a reta final da Nação", advertiu ontem o empresário Antônio Ermírio de Moraes, ao deixar o Palácio do Planalto após um encontro com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, prevendo ainda que a crise econômica brasileira se estenderá pelo menos por mais dez anos, e isto se houver muito trabalho. "O problema brasileiro é sério, e antes de 1990 ninguém sairá desse buraco", afirmou ele.

Ermírio de Moraes esteve com Delfim Netto em companhia do empresário José Mindlin, presidente do grupo Metal Leve, mas disse que não tratou com o ministro de problemas econômicos e sim de questões ligadas à Real Beneficência Portuguesa, de São Paulo, da qual é provedor. O diretor-superintendente do grupo Votorantim não se esquivou de comentar com os jornalistas credenciados no Palácio do Planalto a situação econômica do País.

Para o empresário paulista, a simples revisão da política salarial não contribuirá para resolver a crise que a Nação atravessa. "Há coisa mais importante a mexer do que na Lei Salarial, como o setor financeiro, que está sugando as empresas produtoras. Por que o Banco Central não administra as taxas de juros se tem poderes para isto? Não existe o Conselho Interministerial de Preços para tabelar os produtos? Não se tabelam as matérias-primas? Por que, então, não tabelar a matéria-prima das matérias-primas, que é o dinheiro?"

O diretor-superintendente do grupo Votorantim atribui, ainda, às altas taxas de juros cobradas pelos bancos a reativação dos índices in-

flacionários, prevendo que a inflação este ano alcançará, no mínimo, 120%, mesmo assim se houver uma redução nas taxas mensais. Se houver inflação de 7% no mês de abril, raciocina ele, no final do ano o índice estará perto dos 130%.

Ele não concorda, porém, com a tese do professor Octávio Gouvêa de Bulhões, para quem as autoridades econômicas deveriam adotar um tratamento de "choque" para fazer os índices inflacionários baixarem a um patamar suportável, pelo corte de todo e qualquer subsídio. "Eu sempre fui contra o subsídio. Ele pretende ser um estímulo mas acaba-se tornando um vício. Mas já que ele existe, tem de ser extinto gradualmente, porque senão o enfermo acaba morrendo. Então teríamos um índice de desemprego muito maior que o atual, e o agravamento das tensões sociais."

Ermírio de Moraes acha que as manifestações ocorridas na semana passada, em São Paulo, não foram promovidas por desempregados. "Eu mesmo andei pelas ruas na hora das manifestações e pude constatar que a maioria era uma rapaziada baderneira, desencadeando desordens. Mas a situação do emprego no País é muito séria, e se o governo não trabalhar com um plano sério de distribuição de terras devolutas, permitindo que o homem volte para o campo, tudo será imprevisível. Porque se o País for obrigado a recorrer à moratória ou ao calote, então, será o desastre, a revolução. E para resolver seus atuais problemas é necessário que o setor financeiro colabore, reduzindo as taxas de juros cobradas das empresas, passando a ganhar menos dos recursos que já concentrou e distribuindo um pouco mais, mesmo que isso possa parecer poesia", concluiu o empresário.